

# A GUERRA DOS TRONOS



AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO  
LIVRO I

GEORGE R.R.  
MARTIN  
A GUERRA DOS TRONOS

TRADUÇÃO  
Jorge Candeias



Copyright © 1996 by George R.R. Martin

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

A Game of Thrones: A Song of Ice and Fire

*Capa*

Inspirada na capa de Editions J'ai Lu

*Ilustração de capa*

© Marc Simonetti

*Projeto gráfico de miolo*

Claudia Espínola de Carvalho

*Ilustrações de miolo*

© Virginia Norey

*Mapas*

© Jeffrey L. Ward

*Preparação*

Márcia Duarte

Ana Kronemberger

Mariana Elia

*Revisão*

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martin, George R.R.

A guerra dos tronos / George R.R. Martin ; tradução

Jorge Candeias. — 1<sup>a</sup> ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2019.

(As Crônicas de Gelo e Fogo ; Livro 1)

Título original: A Game of Thrones : A Song of Ice  
and Fire.

ISBN 978-85-5651-078-5

i. Ficção fantástica norte-americana i. Título.

ii. Série.

19-23919

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Florianó, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com](http://www.companhiadasletras.com)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorasuma](http://facebook.com/editorasuma)

[instagram.com/editorasuma](http://instagram.com/editorasuma)

[twitter.com/Suma\\_BR](http://twitter.com/Suma_BR)

*este é para Melinda*



# PRÓLOGO

— Nós devíamos voltar — insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer ao redor do grupo. — Os selvagens estão mortos.

— Os mortos o assustam? — perguntou sor Waymar Royce, com apenas uma sombra de sorriso no rosto.

Gared não mordeu a isca. Era um homem velho, com mais de cinquenta anos, e vira fidalgotes chegarem e partirem.

— Um morto é um morto — respondeu. — Nada temos a tratar com os mortos.

— Mas estão mortos? — perguntou Royce com suavidade. — Que prova temos disso?

— Will os viu — disse Gared. — Se ele diz que estão mortos, é prova suficiente para mim.

Will já sabia que o arrastariam para a discussão, mais cedo ou mais tarde. Desejou que tivesse sido mais tarde.

— Minha mãe me disse que os mortos não cantam — declarou Will.

— Minha ama de leite disse a mesma coisa, Will — respondeu Royce. — Nunca acredite em nada do que ouvir junto ao peito de uma mulher. Há coisas a aprender mesmo com os mortos. — Sua voz ecoava bem alto na penumbra da floresta.

— Temos uma longa cavalgada pela frente — salientou Gared. — Oito dias, talvez nove. E a noite está para cair.

Sor Waymar Royce olhou para o céu de relance, com desinteresse.

— Isso acontece todos os dias a esta hora. Você perde a virilidade no escuro, Gared?

Will viu Gared comprimir os lábios, a ira reprimida a custo nos olhos que espreitavam sob o espesso capuz negro de seu manto. Ele passara quarenta anos na Patrulha da Noite, desde jovem até se tornar um homem, e não estava acostumado a não ser levado a sério. Mas era mais do que isso. Will conseguia detectar no homem mais velho algo por detrás do orgulho ferido. Era possível sentir; uma tensão nervosa que se aproximava perigosamente do medo.

Will partilhava o desconforto dele. Havia quatro anos que estava na Muralha. Quando fora enviado para lá, todas as velhas histórias ressurgiram em sua mente, e suas entradas tinham virado água. Riria disso no futuro. Era agora um veterano de cem patrulhas, e a sombria e infinita terra selvagem a que os homens do Sul chamavam de assombrada já não o aterrorizava.

Até aquela noite. Algo parecia diferente então. Havia naquela escuridão algo ameaçador que fazia os pelos de sua nuca eriçarem. Cavalgavam havia nove dias, para norte e noroeste, e depois de novo para norte, se afastando cada vez mais da Muralha, seguindo sem desvios a trilha de um bando de salteadores selvagens. Cada dia fora pior que o anterior. Aquele tinha sido o pior de todos. Um vento frio soprava do norte e fazia as árvores sussurrarem como coisas vivas. Durante todo o dia, Will tivera a sensação de que alguma coisa o observava, algo frio e implacável que não gostava dele. Gared também sentira. Will desejava com toda a força cavalgar diretamente de volta à segurança da Muralha, mas este não era um sentimento que poderia partilhar com um comandante.

Especialmente um comandante como aquele.

Sor Waymar Royce era o filho mais novo de uma casa antiga com herdeiros demais. Era um jovem atraente de dezoito anos, olhos cinzentos, elegante e esbelto como uma

faca. Montado em seu enorme corcel negro, o cavaleiro elevava-se bem acima de Will e Gared, montados em seus garranos. Trajava botas negras de couro, calças negras de lã, luvas negras de pele de toupeira e uma cota de malha negra cintilante e flexível por cima de várias camadas de lã negra e couro cozido. Sor Waymar era um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite havia menos de meio ano, mas ninguém poderia dizer que não se preparara para a vocação. Pelo menos no que dizia respeito ao guarda-roupa.

O manto constituía a consumação de sua glória: zibelina, espessa e negra, suave como o pecado. “Aposto que foi ele mesmo quem matou as zibelinas todas, ah, com certeza”, dissera Gared na caserna, entre os vapores do vinho, “torceu-lhes as cabecinhas e arrancou-as, o nosso poderoso guerreiro”. A gargalhada fora partilhada por todos.

*É difícil aceitar ordens de um homem de quem zombamos de copo na mão*, refletiu Will, sentado, tremendo, no dorso do garrano. Gared devia sentir o mesmo.

— Mormont disse para encontrarmos eles, e encontramos — disse Gared. — Estão mortos. Não voltarão a nos causar problemas. Temos uma dura cavalgada pela frente. Não gosto desse tempo. Se nevar, podemos levar uma quinzena para voltar, e neve é a melhor das possibilidades. Alguma vez viu uma tempestade de gelo, senhor?

O nobre pareceu não ouvir. Estudava o crepúsculo, o que acentuava aquele seu modo meio aborrecido e meio distraído. Will já cavalgava com o cavaleiro havia tempo suficiente para compreender que era melhor não o interromper quando tinha aquela expressão.

— Diga-me de novo o que viu, Will. Com todos os detalhes. Sem faltar nada.

Will fora um caçador antes de se juntar à Patrulha da Noite. Bem, na verdade fora um caçador ilegal. Os cavaleiros livres de Mallister tinham-no apanhado com a boca na botija nos bosques do próprio Mallister, esfolando um de seus gamos, e pudera apenas escorrer entre vestir o negro ou perder uma das mãos. Ninguém conseguia se mover pela floresta tão silenciosamente quanto Will, e os irmãos de negro não demoraram muito tempo para descobrir seu talento.

— O acampamento fica treze quilômetros mais à frente, depois daquela cumeada, ao lado de um córrego — disse Will. — Cheguei o mais perto que me atrevi. Eles são oito, com homens e mulheres. Não vi crianças. Ergueram um abrigo contra a rocha. A neve já o cobriu bem, mas mesmo assim deu para notar. Não vi nenhum fogo ardendo, mas a cova da fogueira ainda estava clara como o dia. Ninguém se movia. Observei durante muito tempo. Nunca um homem vivo ficou tão quieto.

— Viu algum sangue?

— Bem, não — admitiu Will.

— Viu armas?

— Algumas espadas, uns tantos arcos. Um homem tinha um machado. Parecia ser pesado, com duas lâminas, um bocado cruel de ferro. Estava no chão a seu lado, junto à sua mão.

— Prestou atenção na posição dos corpos?

Will encolheu os ombros.

— Dois estão sentados junto ao rochedo. A maioria está no chão. Parecem caídos.

— Ou adormecidos — sugeriu Royce.

— Caídos — insistiu Will. — Há uma mulher em uma árvore de pau-ferro, meio escondida entre os galhos. Uma olhos-longos. — Ele abriu um tênué sorriso. — Assegurei que não me visse. Quando me aproximei, notei que ela também não se movia. — E sacudiu-se em um estremecimento involuntário.

— Está com frio? — perguntou Royce.

— Um pouco — murmurou Will. — É o vento, senhor.

O fidalgo virou-se para seu grisalho homem de armas. Folhas pesadas de geada farfalhavam ao passar por eles, e o corcel movia-se de forma inquieta.

— Que acha que pode ter matado aqueles homens, Gared? — perguntou sor Waymar com ar casual, arrumando o longo manto de zibelina.

— Foi o frio — disse Gared com uma certeza férrea. — Vi homens congelarem no inverno passado e no outro antes deste, quando eu era garoto. Toda a gente fala de neve com doze metros de profundidade, e do modo como o vento gelado chega do norte uivando, mas o verdadeiro inimigo é o frio. Aproxima-se em silêncio, mais furtivo do que o Will. A princípio, estremece-se e os dentes batem, e bate-se com os pés no chão e sonha-se com vinho quente e boas fogueiras quentes. Ele queima, ah, como queima. Nada queima como o frio. Mas só durante algum tempo. Então penetra no corpo e começa a enchê-lo, e passado algum tempo já não se tem força suficiente para combatê-lo. É mais fácil nos limitarmos a nos sentar ou a adormecer. Dizem que não se sente dor alguma perto do fim. Primeiro, fica-se fraco e sonolento, e tudo começa a se desvanecer, e depois é como afundar pacificamente num mar de leite morno.

— Quanta eloquência, Gared — observou sor Waymar. — Nunca suspeitei que a tivesse dentro de si.

— Também tive o frio dentro de mim, senhor. — Gared puxou para trás o capuz, oferecendo a sor Waymar um claro e longo vislumbre dos cotos onde as orelhas tinham estado. — Duas orelhas, três dedos dos pés e o mindinho da mão esquerda. Tive sorte. Encontramos meu irmão congelado no seu posto de vigia, com um sorriso no rosto.

Sor Waymar encolheu os ombros.

— Devia vestir roupas mais quentes, Gared.

Gared lançou ao nobre um olhar feroz, e as cicatrizes ao redor de suas orelhas, nos locais onde mestre Aemon as cortara, ficaram vermelhas de fúria.

— Veremos quão quente poderão ser suas roupas quando chegar o inverno. — Puxou o capuz para cima e arqueou as costas sobre o garrano, silencioso e carrancudo.

— Se Gared diz que foi o frio... — começou Will.

— Fez alguma vigia nesta última semana, Will?

— Sim, meu senhor. — Nunca havia uma semana em que ele não fizesse uma maldita dúzia de vigias. Aonde o homem queria chegar?

— E em que estado encontrou a Muralha?

— Úmida — respondeu Will, franzindo a testa. Agora que o nobre o fizera notar, via os fatos com clareza. — Eles não podem ter congelado. Se a Muralha está úmida, não podem. O frio não é suficiente.

Royce assentiu.

— Rapaz esperto. Tivemos alguns frios passageiros na semana passada, e uma rápida nevasca de vez em quando, mas com certeza não houve nenhum frio suficientemente forte para matar oito homens adultos. Homens vestidos de peles e couro, relembrô, com um abrigo ali à mão e meios para fazer fogo. — O sorriso do cavaleiro transbordava confiança. — Will, leve-nos lá. Quero ver esses mortos com meus próprios olhos.

E a partir desse momento nada mais havia a fazer. A ordem fora dada, e a honra os obrigava a obedecer.

Will seguiu à frente, com o pequeno garrano felpudo escolhendo com cuidado o caminho por entre a vegetação rasteira. Uma neve ligeira caíra na noite anterior, e havia pedras, raízes e buracos escondidos por baixo de sua crosta, à espreita dos descuidados e

dos imprudentes. Sor Waymar Royce vinha logo atrás, com o grande corcel negro resfogando de impaciência. Aquele cavalo era a montaria errada para uma patrulha, mas não adiantava dizer isso ao fidalgote. Gared fechava a retaguarda. O velho soldado resmungava para si mesmo enquanto avançava.

O crepúsculo aprofundava-se. O céu sem nuvens adquiriu um profundo tom de púrpura, a cor de uma velha mancha escura, e depois se dissolveu em negro. As estrelas começaram a surgir. Uma meia-lua se ergueu. Will estava grato pela luz.

— Certamente podemos avançar mais depressa do que isso — disse Royce depois de a lua se erguer por completo.

— Com este cavalo, não — respondeu Will. O medo tornara-o insolente. — Talvez o senhor deseje tomar a dianteira?

Sor Waymar Royce não se dignou a responder.

Em algum lugar nos bosques, um lobo uivou.

Will guiou o garrano para baixo de uma velha e nodosa árvore de pau-ferro e desmontou.

— Por que parou? — perguntou sor Waymar.

— É melhor ir o resto do caminho a pé, meu senhor. O lugar é logo depois daquela colina.

Royce fez uma pausa momentânea, olhos fixos à distância e o rosto pensativo. Um vento frio farfalhou por entre as árvores. O grande manto de zibelina agitou-se nas costas como uma coisa semiviva.

— Há alguma coisa errada aqui — murmurou Gared.

O jovem cavaleiro lhe sorriu desdenhosamente.

— É mesmo?

— Não sentiu? — perguntou Gared. — Escute a escuridão.

Will sentia. Em quatro anos na Patrulha da Noite, nunca sentira tanto medo. O que era aquilo?

— Vento. Ruído de árvores. Um lobo. Que som o apavora tanto, Gared?

Como ele não respondeu, Royce deslizou graciosamente da sela. Atou com segurança o corcel a um galho baixo, bem afastado dos outros cavalos, e desembainhou a espada. Joias cintilaram no punho e o luar percorreu o aço brilhante. Era uma arma magnífica, forjada em castelo e, segundo parentava, novinha em folha. Will duvidava que alguma vez tivesse sido brandida em fúria.

— O arvoredo é espesso por aqui — preveniu Will. — Essa espada o atrapalhará, senhor. Uma faca é melhor.

— Se precisar de instruções, eu pedirei — disse o fidalgote. — Gared, fique aqui. Guarde os cavalos.

Gared desmontou.

— Precisamos de uma fogueira. Cuidarei disso.

— Quanta tolice tem nessa cabeça, velhote? Se houver inimigos nesta floresta, uma fogueira é a última coisa que queremos.

— Há alguns inimigos que uma fogueira manterá afastados — disse Gared. — Ursos, lobos-gigantes e... e outras coisas...

A boca de sor Waymar transformou-se em uma linha tensa.

— Não haverá fogo.

O capuz ensombrecia o rosto de Gared, mas Will conseguia ver a cintilação dura nos olhos que se fixavam no cavaleiro. Por um momento, teveu que o homem mais velho

puxasse a espada. Era uma coisa curta e feia, com o punho desbotado pelo suor e o gume denteado pelo uso frequente, mas Will não daria um pendão de ferro pela vida do fidalgote se Gared a desembainhasse.

Por fim, Gared baixou os olhos.

— Não haverá fogo — murmurou de forma quase inaudível.

Royce tomou aquilo como aquiescência e virou-se.

— Indique o caminho — disse a Will.

Will teceu uma trilha através de um matagal, depois subiu o declive da colina baixa onde encontrara seu ponto de vigia, por baixo de uma árvore-sentinela. Sob a fina crosta de neve, o solo estava úmido e lamacento, escorregadio, com rochas e raízes escondidas, prontas para provocar tropeços. Will não fez nenhum som enquanto subia. Atrás de si ouvia o suave roçar metálico da cota de malha do fidalgote, o restolhar de folhas e pragas murmuradas quando galhos se prendiam à espada e puxavam o magnífico manto de zibelina.

A grande árvore estava mesmo no topo da colina onde Will sabia que estaria, com os galhos inferiores quase tocando o solo. Will deslizou por baixo, com a barriga apoiada na neve e na lama, e olhou a clareira vazia mais abaixo.

O coração parou em seu peito. Por um momento, não se atreveu a respirar. O luar brilhava acima da clareira, sobre as cinzas no buraco da fogueira, sobre o abrigo coberto de neve, sobre o grande rochedo e sobre o pequeno riacho meio congelado. Tudo estava como estivera algumas horas antes.

Eles não estavam lá. Todos os corpos tinham desaparecido.

— Deuses! — ouviu alguém dizer atrás de si. Uma espada golpeou um galho quando sor Waymar Royce atingiu o topo da colina. Ficou em pé ao lado da árvore, de espada na mão, com o manto a ondular nas costas, soprado pelo vento que se levantava, nobremente delineado contra as estrelas para que todos o vissem.

— *Abaixe-se!* — sussurrou Will com urgência. — Há algo errado.

Royce não se moveu. Olhou para a clareira vazia e deu risada.

— Parece que seus mortos levantaram acampamento, Will.

A voz de Will o abandonou. Procurou palavras que não vieram. Não era possível. Seus olhos percorreram toda a extensão do acampamento abandonado e pararam no machado. Um enorme machado de batalha de duas lâminas, ainda caído onde o vira pela última vez, intocado. Uma arma valiosa...

— De pé, Will — ordenou sor Waymar. — Não há ninguém aqui. Não querovê-lo escondido sob um arbusto.

Relutante, Will obedeceu.

Sor Waymar olhou-o com franca desaprovação:

— Não vou retornar a Castelo Negro com um fracasso em minha primeira patrulha. *Vamos* encontrar aqueles homens. — Olhou de relance em volta. — Suba na árvore. Seja rápido. Procure uma fogueira.

Will virou-se, sem palavras. Não valia a pena discutir. O vento soprava cortante. Diri-giu-se para a árvore, uma sentinela abobadada cinza-esverdeada, e começou a subir. Em pouco tempo tinha as mãos pegajosas de seiva e estava perdido entre as agulhas. O medo revirava seu estômago como uma refeição que não conseguia digerir. Murmурou uma prece aos deuses sem nome da floresta e libertou a adaga da bainha. Colocou-a entre os dentes para manter as mãos livres para a escalada. O sabor do ferro frio na boca o confortou.

Embaixo, o nobre gritou sem aviso:

— Quem vem lá?

Will ouviu incerteza na pergunta. Parou de escalar; escutou; observou.

Os bosques responderam: um restolhar de folhas, o correr gelado do riacho, o pio distante de uma coruja-das-neves.

Os Outros não faziam som algum.

Will viu movimento com o canto do olho. Sombras pálidas que deslizavam pela floresta. Virou a cabeça, viu de relance uma sombra branca na escuridão. Logo depois ela desapareceu. Galhos agitaram-se gentilmente ao vento, coçando-se uns aos outros com dedos de madeira. Will abriu a boca para gritar um aviso, mas as palavras pareceram congelar na garganta. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas uma ave, um reflexo na neve, um truque qualquer do luar. Afinal, o que vira?

— Will, onde está? — chamou sor Waymar. — Vê alguma coisa? — O homem descrevia um círculo lento, cauteloso, de espada na mão. Deve tê-los pressentido, tal como Will os pressentia. Nada havia para ver. — Responda! Por que está tão frio?

E *estava* frio. Tremendo, Will agarrou-se com firmeza ao seu poleiro. Apertou o rosto com força contra o tronco da árvore. Sentia a seiva doce e pegajosa na bochecha.

Uma sombra emergiu da escuridão da floresta. Parou diante de Royce. Era alta, descarnada e dura como ossos velhos, com uma carne pálida como leite. Sua armadura parecia mudar de cor quando se movia; aqui era tão branca como neve recém-caída, ali, negra como uma sombra, por todo o lado salpicada com o escuro cinza-esverdeado das árvores. Os padrões corriam como o luar na água a cada passo que dava.

Will ouviu sor Waymar Royce exalar em um longo silvo.

— Não avance mais — preveniu o fidalgo, a voz esganiçada como a de um rapaz. Atirou o longo manto de zibelina para trás, por sobre os ombros, a fim de libertar os braços para a batalha, e pegou na espada com ambas as mãos. O vento parara. Estava muito frio.

O Outro deslizou para a frente sobre pés silenciosos. Na mão, trazia uma espada diferente de tudo que Will tivesse visto. Nenhum metal humano tinha entrado na forja daquela lâmina. Estava viva de luar, translúcida, um fragmento de cristal tão fino que parecia quase desaparecer quando visto de frente. Havia naquela coisa uma tênue cintilação azul, uma luz fantasmagórica que brincava com os seus limites, e de algum modo Will soube que era mais afiada do que qualquer navalha.

Sor Waymar enfrentou o inimigo com bravura.

— Nesse caso, dance comigo.

Ergueu a espada bem alto, acima da cabeça, desafiador. As mãos tremiam com o peso da arma, ou talvez devido ao frio. Mas naquele momento, pensou Will, sor Waymar já não era um rapaz, e sim um homem da Patrulha da Noite.

O Outro parou. Will viu seus olhos, azuis, mais profundos e mais azuis do que quaisquer olhos humanos, de um azul que queimava como gelo. Will fixou-se na espada que estremecia, erguida, e observou o luar que corria, frio, ao longo do metal. Durante um segundo, atreveu-se a ter esperança.

Emergiram em silêncio, das sombras, gêmeos do primeiro. Três... quatro... cinco... Sor Waymar talvez tivesse sentido o frio que vinha com eles, mas não chegou a vê-los, não chegou a ouvi-los. Will tinha de alertá-lo. Era seu dever. E sua morte, se o fizesse. Estremeceu, abraçou a árvore e manteve o silêncio.

A espada clara veio pelo ar, tremendo.

Sor Waymar parou-a com o aço. Quando as lâminas se encontraram, não se ouviu

nenhum ressoar de metal com metal, apenas um som agudo e fino, quase inaudível, como um animal a guinchar de dor. Royce deteve um segundo golpe, e um terceiro, e depois recuou um passo. Outra chuva de golpes, e recuou mais uma vez.

Atrás dele, para a direita, para a esquerda, à sua volta, os observadores mantinham-se de pé, pacientes, sem rosto, silenciosos, com os padrões mutáveis de suas delicadas armaduras a torná-los quase invisíveis na floresta. E não faziam um gesto para intervir.

Uma vez e outra, as espadas encontraram-se, até Will querer tapar os ouvidos, protegendo-os do estranho e angustiado lamento de seus choques. Sor Waymar já arquejava por causa do esforço, e a respiração criava nuvens ao luar. Sua lâmina estava branca de gelo; a do Outro dançava com uma pálida luz azul.

Então, o golpe de Royce chegou um pouco tarde demais. A espada cristalina trespassou a cota de malha por baixo de seu braço. O fidalgo gritou de dor. Sangue surgiu por entre os aros, jorrando no ar frio, e as gotas pareciam vermelhas como fogo onde tocavam a neve. Os dedos de sor Waymar tocaram o flanco. Sua luva de pele de toupeira veio em papada de vermelho.

O Outro disse qualquer coisa em uma língua que Will não conhecia; sua voz era como o quebrar do gelo em um lago de inverno, e as palavras, escarnecedoras.

Sor Waymar Royce encontrou sua fúria.

— Por Robert! — gritou, e atacou, rosmando, erguendo com ambas as mãos a espada coberta de gelo e brandindo-a em um golpe lateral paralelo ao chão, carregado com todo o seu peso. O movimento de defesa do Outro foi quase displicente.

Quando as lâminas se tocaram, o aço despedaçou-se.

Um grito ecoou pela noite da floresta, e a espada quebrou-se em uma centena de pedaços, espalhando os estilhaços como uma chuva de agulhas. Royce caiu de joelhos, guinchando, e cobriu os olhos. O sangue jorrou por entre seus dedos.

Os observadores aproximaram-se uns dos outros, como que em resposta a um sinal. Espadas ergueram-se e caíram, tudo em um silêncio mortal.

Era um assassinato frio. As lâminas pálidas atravessaram a cota de malha como se fosse seda. Will fechou os olhos. Muito abaixo, ouviu as vozes e os risos, aguçados como pingentes.

Quando reuniu coragem para voltar a olhar, um longo tempo se passara, e a colina lá embaixo estava vazia.

Ficou na árvore, quase sem se atrever a respirar, enquanto a lua foi rastejando lentamente pelo céu negro. Por fim, com os músculos cheios de cãibras e os dedos dormentes de frio, desceu.

O corpo de Royce jazia de barriga para baixo na neve, com um braço aberto. O espesso manto de zibelina tinha sido cortado em uma dúzia de lugares. Jazendo assim morto, via-se como era novo. Um rapaz.

Will encontrou o que restava da espada a alguns metros de distância, com a extremidade estilhaçada e retorcida, como uma árvore atingida por um relâmpago. Ajoelhou-se, olhou em volta com cautela e a apanhou. A espada quebrada seria sua prova. Gared saberia compreendê-la, e, se não soubesse, então haveria o velho urso do Mormont ou o mestre Aemon. Estaria Gared ainda à espera com os cavalos? Tinha de se apressar.

Will endireitou-se. Sor Waymar Royce assomava sobre ele.

Suas belas roupas eram farrapos, o rosto, uma ruína. Um estilhaço da espada trespassara a agora branca e cega pupila do olho esquerdo.

O olho direito estava aberto. A pupila queimava, azul. Enxergando.

A espada quebrada lhe caiu dos dedos sem força. Will fechou os olhos para rezar. Mão longas e elegantes roçaram sua bochecha e depois se fecharam em sua garganta. Estavam enluvadas na mais fina pele de toupeira e pegajosas de sangue, mas seu toque era frio como gelo.

# BRAN

A MANHÃ CHEGARA LÍMPIDA E FRIA, com um frescor que sugeria o fim do verão. Partiram ao nascer do dia para assistir à decapitação de um homem, eram vinte ao todo, e Bran cavalgava com os outros, nervoso e agitado. Era a primeira vez que tinha sido considerado de idade suficiente para ir com o senhor seu pai e os irmãos ver fazer-se a justiça do rei. Era o nono ano de verão, e o sétimo da vida de Bran.

O homem tinha sido capturado nas imediações de uma pequena fortificação nos montes. Robb achava se tratar de um selvagem, com a espada a serviço de Mance Rayder, o Rei para lá da Muralha. Pensar nisso fazia a pele de Bran formigar. Lembrava-se das histórias que a Velha Ama lhes contava à lareira. Os selvagens eram homens cruéis, dizia, senhores de escravos, assassinos e ladrões. Faziam amizade com gigantes e vampiros, raptavam meninas na calada da noite e bebiam sangue em cornos polidos. E suas mulheres deitavam-se com os Outros durante a Longa Noite e geravam medonhas crianças meio humanas.

Mas o homem que encontraram amarrado pelos pés e pelas mãos ao muro da fortificação, à espera da justiça do rei, era velho e descarnado, não muito mais alto do que Robb. Perdera ambas as orelhas e um dedo, queimados pelo frio, e vestia-se todo de negro como um irmão da Patrulha da Noite, não estivessem as peles esfarrapadas e besuntadas de gordura.

A respiração de homens e cavalos misturavam-se em nuvens de vapor no ar frio da manhã quando o senhor seu pai ordenou que cortassem as cordas que prendiam o homem ao muro e o arrastassem até junto do grupo. Robb e Jon sentavam-se, aprumados e imóveis, sobre os cavalos, com Bran no meio, em seu pônei, tentando parecer ter mais do que os seus sete anos e fingindo que nada daquilo era novo para ele. Um vento tênue soprava pelo portão do povoado. Sobre suas cabeças agitava-se o estandarte dos Stark de Winterfell: um lobo-gigante cinzento correndo por um campo branco de gelo.

O pai de Bran, também em sua montaria, mantinha-se solene, os longos cabelos castanhos ondulando ao vento. A barba bem aparada estava salpicada de branco, fazendo-o parecer mais velho do que os seus trinta e cinco anos. Hoje seus olhos cintzentos tinham uma expressão soturna, e ele parecia bem diferente do homem que se sentava em frente ao fogo, à noite, para falar suavemente da Era dos Heróis e das crianças da floresta. Tirara a expressão de pai, pensou Bran, e pusera a de lorde Stark de Winterfell.

Questões foram colocadas e respostas foram dadas ali, no frio da manhã, mas, mais tarde, Bran não recordaria muito do que fora dito. Por fim, o senhor seu pai deu uma ordem, e dois de seus guardas arrastaram o homem esfarrapado até o toco de pau-ferro no centro da praça. Empurraram-lhe a cabeça à força contra a madeira dura e negra. Lorde Eddard Stark apeou, e seu protegido, Theon Greyjoy, apresentou-lhe a espada, chamada Gelo. Era larga como a mão de um homem e mais alta do que Robb. A lâmina era de aço valiriano, forjado com feitiços e escuro como fumo. Nada mantinha o fio como o aço valiriano.

O pai de Bran descalçou as luvas e as entregou a Jory Cassel, o capitão da guarda doméstica. Pegou Gelo com ambas as mãos e disse:

— Em nome de Robert da Casa Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, rei dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território-

rio, pela voz de Eddard da Casa Stark, Senhor de Winterfell e Guardião do Norte, condeno-o à morte. — E ergueu a espada bem alto sobre a cabeça.

O irmão bastardo de Bran, Jon Snow, aproximou-se.

— Mantenha rédea curta sobre o pônei — sussurrou. — E não desvie os olhos. O pai saberá se fizer isso.

Bran manteve rédea curta sobre o pônei e não desviou os olhos.

Seu pai cortou a cabeça do homem com um único golpe, dado com segurança. O sangue borrou a neve, tão vermelho quanto vinho estival. Um dos cavalos empinou-se e teve de ser segurado para que não fugisse. Bran não conseguia tirar os olhos do sangue. A neve em torno do poste bebia-o com sofreguidão, ficando cada vez mais vermelha enquanto ele observava.

A cabeça bateu em uma raiz grossa e rolou. Parou perto dos pés de Greyjoy. Theon era um jovem esguio e escuro de dezenove anos que achava tudo divertido. Soltou uma gargalhada, pôs a bota sobre a cabeça e deu-lhe um pontapé.

— Cretino — resmungou Jon, baixo o bastante para que Greyjoy não ouvisse. Pôs uma das mãos no ombro de Bran, que olhava o irmão bastardo. — Você foi bem — disse-lhe Jon solenemente. Jon tinha catorze anos, já era experiente na justiça.

O tempo parecia mais frio durante a longa viagem de regresso a Winterfell, embora o vento tivesse enfraquecido e o sol estivesse mais alto no céu. Bran cavalgava junto aos irmãos, bem adiantados em relação ao resto dos cavaleiros, com o pônei esforçando-se ao máximo para acompanhar o ritmo dos outros cavalos.

— O desertor morreu com bravura — disse Robb. Era grande e encorpado e crescia a cada dia, com os traços da mãe, a pele clara, os cabelos vermelho-acastanhados e os olhos azuis dos Tully de Correrrio. — Tinha coragem, pelo menos.

— Não — disse Jon Snow calmamente. — Não era coragem. O homem estava morto de medo. Podia-se ver em seus olhos, Stark. — Os de Jon eram de um cinza tão escuro que pareciam quase negros, mas pouco havia que não vissem. Tinha a mesma idade que Robb, mas os dois não eram parecidos. Jon era esguio e escuro, enquanto Robb era musculoso e claro; Jon era gracioso e ligeiro; seu meio-irmão, forte e rápido.

Robb não estava impressionado.

— Que os Outros levem seus olhos — praguejou. — Ele morreu bem. Fazemos uma corrida até a ponte?

— Sim — disse Jon, incitando o cavalo. Robb praguejou e seguiu-o, e galoparam trilha afora, com Robb aos gritos e assobios, e Jon silencioso e concentrado. Os cascos dos cavalos levantavam respingos de neve por onde passavam.

Bran não tentou segui-los. Seu pônei não poderia acompanhá-los. Vira os olhos do maltrapilho, e agora pensava neles. Após algum tempo, o som das gargalhadas de Robb atenuou-se e os bosques ficaram silenciosos novamente.

Estava tão perdido em seus pensamentos que não ouviu o resto do grupo, até que seu pai se aproximou para cavalgar a seu lado.

— Está bem, Bran? — perguntou, não sem simpatia.

— Sim, pai — disse Bran. Olhou para cima. Envolto em peles e couros, montado no grande cavalo de batalha, o senhor seu pai pairava sobre ele como um gigante. — Robb diz que o homem morreu bravamente, mas Jon disse que ele tinha medo.

— E o que você acha? — perguntou-lhe o pai.

Bran refletiu sobre o assunto.

— Um homem pode continuar a ser valente se tiver medo?

— Esta é a única maneira de um homem ser valente — respondeu seu pai. — Compreende por que fiz aquilo?

— Ele era um selvagem — disse Bran. — Eles roubam mulheres e vendem aos Outros. Seu pai sorriu.

— A Velha Ama anda lhe contando histórias outra vez. Na verdade, o homem era um perjuro, um desertor da Patrulha da Noite. Ninguém pode ser mais perigoso. O desertor sabe que sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacila perante nenhum crime, por mais vil que seja. Mas você não me comprehendeu bem. A pergunta não era sobre o motivo por que o homem tinha de morrer, mas sim por que *eu* tive de fazê-lo.

Bran não tinha resposta para aquilo.

— O rei Robert tem um carrasco — respondeu, em tom incerto.

— Tem — admitiu o pai. — E os reis Targaryen também tiveram, antes dele. Mas o nosso costume é o mais antigo. O sangue dos Primeiros Homens ainda corre nas veias dos Stark, e mantemos a crença de que o homem que dita a sentença deve manejá-la com a espada. Se tirar a vida de um homem, deve olhá-lo nos olhos e ouvir suas últimas palavras. E se não suportar fazer isso, então talvez o homem não mereça morrer. Um dia, Bran, você será vassalo de Robb, mantendo um domínio para o seu irmão e o seu rei, e a justiça caberá a você. Quando esse dia chegar, não deverá ter nenhum prazer na tarefa, mas tampouco deverá desviar os olhos. Um governante que se esconde atrás de carrascos pagos logo esquece o que é a morte.

Foi então que Jon reapareceu sobre o cume da colina à frente do grupo. Acenou e gritou para eles:

— Pai, Bran, venham depressa ver o que Robb encontrou! — E depois desapareceu novamente.

Jory pôs-se ao lado de Bran e do pai.

— Problemas, senhor?

— Sem dúvida alguma — disse o senhor seu pai. — Vamos, vamos ver que velharia desenterraram agora os meus filhos. — Pôs o cavalo a trote. Jory, Bran e o resto do grupo seguiram-no.

Encontraram Robb na margem do rio, ao norte da ponte, com Jon ainda montado ao seu lado. As neves do verão tinham sido pesadas naquela volta da lua. Robb estava enterrado em branco até os joelhos, com o capuz atirado para trás, e o sol brilhava em seus cabelos. Aconchegava alguma coisa no braço enquanto os rapazes conversavam em vozes animadas, mas baixas.

Os cavaleiros escolheram o caminho com cuidado através dos detritos empilhados pelo rio, tateando em busca de apoio sólido no terreno encoberto e irregular. Jory Cassel e Theon Greyjoy foram os primeiros a chegar perto dos rapazes. Greyjoy ria e gracejava ao se aproximar. Bran sentiu o fôlego sair-lhe do peito.

— *Deuses!* — exclamou Greyjoy, lutando para manter o controle do cavalo enquanto levava a mão à espada.

A espada de Jory já estava na mão.

— Robb, afaste-se disso! — gritou, enquanto o cavalo empinava entre suas pernas.

Robb sorriu e ergueu o olhar do volume que tinha nos braços.

— Ela não pode lhe fazer mal — disse. — Está morta, Jory.

Àquela altura, Bran já ardia de curiosidade. Teria esporeado o pônei para avançar mais depressa, mas o pai o fez desmontar junto à ponte e aproximar-se a pé. Bran saltou do animal e correu.

Também Jon, Jory e Theon Greyjoy já tinham desmontado.

— O que, pelos sete infernos, é isso? — perguntou Greyjoy.

— Uma loba — disse Robb.

— Uma aberração — disse Greyjoy. — Olhe o *tamanho* da coisa.

O coração de Bran martelava enquanto ele abria caminho através de uma pilha de detritos que lhe alcançava a cintura, até que chegou ao lado do irmão.

Meio enterrada na neve manchada de sangue, uma forma enorme caída e morta. Em sua desgrenhada pelagem cinzenta formara-se gelo, e um tênue cheiro de putrefação impregnava-a como perfume de mulher. Bran viu de relance os olhos cegos repletos de vermes, uma grande boca cheia de dentes amarelados. Mas foi o tamanho da coisa que o fez ficar de boca aberta. Era maior que seu pônei, com o dobro do tamanho do maior cão de caça do canil de seu pai.

— Não é aberração nenhuma — disse Jon calmamente. — Isso é uma loba-gigante. Esses animais crescem mais do que os da outra espécie.

Theon Greyjoy disse:

— Não se veem lobos-gigantes ao sul da Muralha há pelo menos duzentos anos.

— Vejo um agora — respondeu Jon.

Bran desviou os olhos do monstro. Foi então que reparou no fardo que estava nos braços de Robb. Soltou um grito de deleite e aproximou-se. O filhote era uma minúscula bola de pelo cinza-escuro, ainda com os olhos fechados. Batia cegamente com o focinho contra o peito de Robb, procurando leite nos couros que o cobriam, soltando um pequeno som lamentoso e triste. Bran estendeu uma mão hesitante.

— Vamos — disse-lhe Robb. — Pode tocá-lo.

Bran fez um afago rápido e nervoso no filhote e depois se virou quando Jon disse:

— Ora, veja aqui. — Seu meio-irmão pôs um segundo filhote em seus braços. — Há cinco ao todo.

Bran sentou-se na neve e abraçou a cria de lobo, encostando-a ao rosto. O pelo do animal era macio e morno.

— Lobos-gigantes à solta no reino depois de tantos anos — murmurou Hullen, o mestre dos cavalos. — Isso não me agrada.

— É um sinal — disse Jory.

O pai franziu a sobrancelha.

— Isso é só um animal morto, Jory — disse, apesar de parecer perturbado. A neve rangia sob seus pés enquanto rodeava o corpo. — Sabemos o que a matou?

— Tem alguma coisa na garganta — disse Robb, orgulhoso de ter encontrado a resposta mesmo antes de o pai ter perguntado. — Ali, por baixo da mandíbula.

O pai ajoelhou-se e tateou sob a cabeça do animal. Deu um puxão e ergueu a coisa para que todos a vissem. Um pedaço de trinta centímetros de chifre de veado, com as pontas partidas, todo vermelho de sangue. Um silêncio súbito caiu sobre o grupo. Os homens olharam inquietos para o chifre, mas ninguém se atreveu a falar. Mesmo Bran pressentia seu medo, embora não compreendesse.

O pai atirou o chifre para o lado e limpou as mãos na neve.

— Surpreende-me que ela tenha vivido tempo suficiente para parir — disse, e sua voz quebrou o encantamento.

— Talvez não tenha — disse Jory. — Ouvi histórias... Talvez a loba já estivesse morta quando os filhotes chegaram.

— Nascidos com os mortos — interveio outro homem. — Pior sorte.

— Não importa — disse Hullen. — Não tarda e estarão mortos também.

Bran soltou um grito inarticulado de desalento.

— Quanto mais depressa, melhor — concordou Theon Greyjoy e puxou a espada. — Dê-me o animal, Bran.

A criaturinha enroscou-se nele, como se tivesse ouvido e compreendido.

— *Não!* — gritou Bran ferozmente. — É meu.

— Guarde a espada, Greyjoy — disse Robb, que por um momento souu tão autoritário quanto o pai, o senhor que viria a ser um dia. — Vamos ficar com esses filhotes.

— Não pode fazer isso, rapaz — disse Harwin, que era filho de Hullen.

— Será misericordioso matá-los — disse Hullen.

Bran olhou o senhor seu pai em busca de salvação, mas só recebeu um fiozir de ceno, uma testa cheia de sulcos.

— Hullen fala a verdade, filho. É melhor uma morte rápida do que uma lenta, de frio e fome.

— *Não!* — Sentia que lágrimas lhe brotavam dos olhos e afastou-se. Não queria chorar na frente do pai.

Robb resistia com teimosia.

— A cadela vermelha de sor Rodrik pariu de novo na semana passada — disse. — Foi uma ninhada pequena, só com dois cachorros vivos. Ela terá leite suficiente.

— Ela os despedaçará quando tentarem mamar.

— Lorde Stark — disse Jon. Era estranho ouvi-lo chamar o pai assim, de modo tão formal. Bran olhou-o com uma esperança desesperada. — Há cinco crias. Três machos e duas fêmeas.

— E então, Jon?

— O senhor tem cinco filhos legítimos — disse Jon. — Três filhos e duas filhas. O lobo-gigante é o selo de sua casa. Seus filhos estão destinados a ficar com esta ninhada, senhor.

Bran viu o rosto do pai mudar e os outros homens trocarem olhares. Naquele momento, amou Jon de todo o coração. Mesmo com seus sete anos, Bran compreendeu o que o irmão fizera. A conta estava certa apenas porque Jon se omitira. Incluíra as moças e até Rickon, o bebê, mas não o bastardo que usava o sobrenome Snow, que pelo costume devia ser dado a todos aqueles que, no Norte, eram suficientemente infelizes para não possuir um sobrenome próprio.

O pai também compreendera.

— Não quer uma cria para você, Jon? — perguntou brandamente.

— O lobo-gigante honra os estandartes da Casa Stark — retrucou Jon. — Eu não sou um Stark, pai.

O senhor seu pai o olhou, pensativo. Robb apressou-se a preencher o silêncio que ele deixara.

— Cuidarei eu próprio dele, pai — prometeu. — Embeberei uma toalha em leite morno e assim lhe darei de mamar.

— Eu também! — ecoou Bran.

O senhor avaliou os filhos longa e cuidadosamente.

— É fácil dizer, mas é difícil fazer. Não querovê-los desperdiçando com isso o tempo dos criados. Se querem esses filhotes, vocês os alimentarão. Entendido?

Bran assentiu com ardor. O animal se contorceu em seus braços e lambeu-lhe o rosto com uma língua morna.

— Devem treiná-los também — disse-lhes o pai. — *Vocês* devem ensiná-los. O mestre do canil não vai querer lidar com esses monstros, garanto a vocês. E que os deuses os protejam se negligenciarem, maltratarem ou treinarem mal esses animais. Esses não são cães que pedem festas ou se esquivam a um pontapé. Um lobo-gigante é capaz de arrancar o braço de um homem com tanta facilidade quanto um cão mata uma ratazana. Têm certeza de que querem isso?

— Sim, pai — disse Bran.

— Sim — concordou Robb.

— Os filhotes podem morrer de qualquer modo, apesar de tudo o que fizerem.

— Eles não morrerão — disse Robb. — *Não deixaremos* que morram.

— Fiquem com eles, então. Jory, Desmond, recolham os demais. É tempo de regressarmos a Winterfell.

Foi só depois de terem montado e de terem se posto a caminho que Bran se permitiu saborear o doce ar da vitória. A essa altura, seu filhote estava aconchegado entre seus couros, quente contra seu corpo, a salvo para a longa viagem de volta. Bran perguntava-se como haveria de chamá-lo.

No meio da ponte, Jon puxou subitamente as rédeas.

— O que houve, Jon? — perguntou o senhor seu pai.

— O senhor não ouviu?

Bran ouvia o vento nas árvores, o ruído dos cascos nas tábuas de pau-ferro, os lamentos da cria faminta, mas Jon escutava outra coisa.

— Ali — disse Jon. Fez o cavalo dar meia-volta e galopou pela ponte, pelo caminho por onde viera. Viram-no desmontar onde a loba-gigante jazia morta na neve e ajoelhar-se. Um momento mais tarde, cavalgava de regresso, sorrindo. — Deve ter se afastado dos outros.

— Ou sido afastado — disse o pai, olhando a sexta cria. A pelagem desta era branca, enquanto a do resto da ninhada era cinzenta. Seus olhos eram tão vermelhos quanto o sangue do homem esfarrapado que morrera naquela manhã. Bran achou curioso que só aquele lobo tivesse aberto os olhos, enquanto os outros ainda estavam cegos.

— Um albino — disse Theon Greyjoy com um perverso divertimento. — Esse vai morrer ainda mais depressa do que os outros.

Jon Snow lançou sobre o protegido de seu pai um olhar longo e gelado.

— Penso que não, Greyjoy. Esse me pertence.

# CATELYN

## CATELYN NUNCA GOSTARA DAQUELE BOSQUE SAGRADO.

Nascera entre os Tully, em Correrrio, mais ao sul, nas margens do Ramo Vermelho do Tridente. O bosque sagrado que havia ali era um jardim, luminoso e arejado, onde grandes árvores de sequoia espalhavam sombras sarapintadas por córregos que rumorejavam entre as margens, as aves cantavam em ninhos escondidos e o ar era perfumado pelo odor de flores. Os deuses de Winterfell habitavam um tipo diferente de bosque. Era um lugar escuro e primordial, três acres de floresta antiga, intocada ao longo de dez mil anos, enquanto o castelo se levantava à sua volta. Cheirava a terra úmida e a decomposição. Ali não crescia sequoia. Aquele era um bosque de obstinadas árvores-sentinelas, revestidas de agulhas cinza-esverdeadas, de poderosos carvalhos, de árvores de pau-ferro tão velhas quanto o próprio reino. Ali, espessos troncos negros enroscavam-se uns nos outros, enquanto galhos retorcidos teciam um denso dossel elevado e raízes deformadas batalhavam sob o solo. Aquele era um lugar de profundo silêncio e sombras meditativas, e os deuses que ali viviam não tinham nomes.

Mas ela sabia que naquela noite encontraria ali seu marido. Sempre que ele tirava a vida de um homem, procurava depois o sossego do bosque sagrado.

Catelyn fora ungida com os sete óleos e recebera o nome no arco-íris de luz que enchia o septo de Correrrio. Pertencia à Fé, tal como o pai e o avô, e o pai deste antes dele. Seus deuses possuíam nomes, e seus rostos lhe eram tão familiares como os de seus pais. O serviço religioso era um septão com um turíbulo, o cheiro do incenso, um cristal de sete lados animado com luz, vozes erguidas em canto. Os Tully mantinham um bosque sagrado, como todas as grandes casas, mas era apenas um lugar para passear, ler ou ficar deitado ao sol. A prece pertencia ao septo.

Para ela, Ned tinha construído um pequeno septo onde podia cantar às sete faces de deus, mas o sangue dos Primeiros Homens ainda corria nas veias dos Stark, e seus deuses eram os antigos, os deuses sem nome nem rosto da mata verde que partilhavam com os filhos desaparecidos da floresta.

No centro do bosque, um antigo represeiro reinava pensativo sobre uma pequena lagoa onde as águas eram negras e frias. Ned chamava-lhe “a árvore-coração”. A casca do represeiro era branca como osso e suas folhas, vermelhas como mil mãos manchadas de sangue. Um rosto tinha sido esculpido no tronco da grande árvore, de traços compridos e melancólicos, com os olhos profundamente escavados, vermelhos de seiva seca e estranhamente vigilantes. Aqueles olhos eram velhos; mais velhos do que Winterfell. Se as lendas eram verdadeiras, tinham visto Brandon, o Construtor, assentar a primeira pedra; tinham visto as muralhas de granito do castelo crescerem à sua volta. Dizia-se que os filhos da floresta tinham esculpido rostos nas árvores durante os séculos da aurora, antes da chegada dos Primeiros Homens, vindos do mar estreito.

No Sul, os últimos represeiros tinham sido derrubados ou queimados havia mil anos, exceto na Ilha das Caras, onde os homens verdes mantinham sua vigilância silenciosa e as coisas eram diferentes. Aqui, cada castelo possuía seu bosque sagrado, e cada bosque sagrado tinha sua árvore-coração, e cada árvore-coração, seu rosto.

Catelyn encontrou o marido sob o represeiro, sentado em uma pedra coberta de musgo. Tinha Gelo, a espada, pousada sobre as coxas, e limpava-lhe a lâmina naquelas águas

negras como a noite. Mil anos de húmus jaziam em uma grossa camada no solo do bosque sagrado, engolindo o som dos pés da mulher, mas os olhos vermelhos do represeiro pareciam segui-la enquanto se aproximava.

— Ned — chamou ela, com suavidade.

Ele ergueu a cabeça para olhá-la.

— Catelyn. — Sua voz era distante e formal. — Onde estão as crianças?

Ele sempre lhe perguntava aquilo.

— Na cozinha, discutindo nomes para as crias de lobo. — Ela estendeu o manto sobre o chão da floresta e sentou-se junto à lagoa, de costas voltadas para o represeiro. Podia sentir os olhos a observá-la, mas fez o melhor que pôde para ignorá-los. — Arya já está apaixonada, e Sansa, enfeitiçada e apiedada, mas Rickon não está muito seguro.

— Tem medo? — perguntou Ned.

— Um pouco — admitiu ela. — Só tem três anos.

Ned franziu as sobrancelhas.

— Ele tem de aprender a enfrentar seus medos. Não terá três anos para sempre. E o inverno está chegando.

— Sim — concordou Catelyn.

As palavras provocaram-lhe um arrepião, como sempre. O lema Stark. Todas as casas nobres tinham o seu. Lemas de família, pedras de toque, espécies de oração, que alardeavam honra e glória, prometiam lealdade e verdade, juravam fé e coragem. Todas, menos a dos Stark. *O inverno está chegando*, dizia o lema Stark. Refletiu sobre como aqueles nortenhos eram um povo estranho, e já não era a primeira vez que fazia isso.

— O homem morreu bem, posso lhe assegurar — disse Ned. Tinha na mão um bocado de couro oleado no qual deslizava com leveza a espada enquanto falava, polindo o metal até soltar um brilho escuro. — Fiquei contente por Bran. Teria ficado orgulhosa dele.

— Estou sempre orgulhosa de Bran — respondeu Catelyn, observando a espada enquanto ele a esfregava. Conseguia ver as ondulações profundas do aço, onde o metal fora dobrado sobre si mesmo cem vezes durante a forja. Catelyn não sentia qualquer amor por espadas, mas não podia negar que Gelo possuía certa beleza. Fora forjada em Valíria antes de a Destrução ter caído sobre a antiga Cidade Franca, quando os ferreiros trabalhavam seus metais tanto com feitiços como com martelos. Tinha já quatrocentos anos, e era tão afiada como no dia em que fora forjada. O nome que ostentava era ainda mais antigo, um legado da Era dos Heróis, quando os Stark eram reis do Norte.

— Foi o quarto este ano — disse Ned sombriamente. — O pobre homem estava meio louco. Algo lhe incutiu um medo tão profundo que minhas palavras não o alcançaram — suspirou. — Ben escreveu-me dizendo que a força da Patrulha da Noite já não tem mil homens. Não são só deserções. Eles têm perdido homens também nas patrulhas.

— São os selvagens? — perguntou ela.

— Quem mais poderia ser? — Ned ergueu Gelo e observou o aço frio ao longo de todo o seu comprimento. — E só vai piorar. Pode chegar o dia em que eu não tenha escolha a não ser reunir os vassalos e marchar para o norte a fim de lidar de uma vez por todas com esse Rei para lá da Muralha.

— Para lá da Muralha? — A ideia fez Catelyn estremecer.

Ned viu o terror em seu rosto.

— Mance Rayder não é nada que devamos temer.

— Há coisas mais sombrias para além da Muralha. — Ela olhou de relance a árvore-

-coração às suas costas, o tronco claro e os olhos vermelhos, observando, escutando, pensando seus longos e lentos pensamentos.

O sorriso dele era gentil.

— Você acredita demais nas histórias da Velha Ama. Os Outros estão tão mortos quanto os filhos da floresta, desaparecidos há oito mil anos. Meistre Luwin lhe diria que nunca sequer chegaram a viver. Nenhum homem vivo jamais viu um.

— Até hoje de manhã, nenhum homem vivo tinha visto um lobo-gigante — recordou Catelyn.

— Já devia saber que não se pode discutir com uma Tully — disse ele com um sorriso triste, e devolveu Gelo à sua bainha. — Não veio até aqui para me contar histórias de ninar. Sei bem que não gosta deste lugar. Qual é o problema, senhora?

Catelyn segurou as mãos do marido.

— Hoje chegaram dolorosas notícias, senhor. Não quis incomodá-lo até ter se purificado. — Não havia maneira de suavizar o golpe, e ela o disse sem rodeios. — Lamento tanto, meu amor. Jon Arryn está morto.

Os olhos dele encontraram os dela, e Catelyn viu como o afetou, como sabia que afetaria. Na juventude, Ned fora acolhido no Ninho da Águia, e lorde Arryn, que não tinha filhos seus, tornara-se um segundo pai para ele e para o seu outro protegido, Robert Baratheon. Quando o Rei Louco Aerys II Targaryen exigira suas cabeças, o Senhor do Ninho da Águia erguera em revolta os seus estandartes da lua e do falcão em vez de entregar aqueles que jurara proteger.

E um dia, há quinze anos, seu segundo pai tinha se transformado também em um irmão, quando ele e Ned se juntaram no septo de Correrrio para desposar duas irmãs, as filhas de lorde Hoster Tully.

— Jon... — disse Ned. — Essa notícia é segura?

— Trazia o selo do rei, e a carta foi escrita na caligrafia do próprio Robert. Guardei-a para você. Diz que lorde Arryn partiu depressa. Nem mestre Pyelle pôde fazer coisa alguma, mas deu-lhe leite de papoula, para que Jon não sofresse por muito tempo.

— Uma pequena misericórdia, suponho — disse ele. Catelyn via o pesar em seu rosto, mas mesmo nesse momento seu primeiro pensamento foi dedicado a ela. — A sua irmã. E o filho de Jon. Que notícias há deles?

— A mensagem dizia apenas que estavam bem e que tinham regressado ao Ninho da Águia — respondeu ela. — Eu preferia que tivessem ido para Correrrio. O Ninho da Águia é um lugar alto e solitário, e sempre foi o lugar de Jon, não deles. A memória de lorde Jon assombrará cada pedra. Conheço minha irmã. Ela precisa do conforto da família e dos amigos ao seu redor.

— Seu tio espera no Vale, não é verdade? Ouvi dizer que Jon o nomeou Cavaleiro do Portão.

Catelyn assentiu.

— Brynden fará por ela e pelo garoto o que puder. É algum conforto, mas ainda assim...

— Vá encontrá-la — sugeriu, tentando animá-la. — Leve as crianças. Encha aqueles salões de ruído, gritos e risos. Aquele garoto precisa de outras crianças à sua volta, e Lysa não deve ficar só na sua dor.

— Gostaria de poder fazer isso — disse Catelyn. — A carta trazia outras notícias. O rei viaja para Winterfell à sua procura.

Ned precisou de um momento para perceber o significado daquelas palavras, mas, quando as compreendeu, a escuridão abandonou seus olhos.

— Robert vem para cá? — Quando ela assentiu, um sorriso abriu-se em seu rosto.

Catelyn desejou poder compartilhar da alegria do marido. Mas ouvira o que se dizia pelos pátios; um lobo-gigante morto na neve, com um chifre partido na garganta. O terror retorcia-se em seu interior como uma serpente, mas forçou-se a sorrir para aquele homem que amava, aquele homem que não punha fé alguma nos sinais.

— Sabia que o agradaria — disse ela. — Devíamos enviar uma mensagem ao seu irmão, na Muralha.

— Sim, claro. Ben vai querer estar aqui. Direi a mestre Luwin para enviar sua ave mais rápida. — Ned ergueu-se e ajudou a esposa a se levantar. — Demônios, quantos anos já se passaram? E não nos dá mais notícias do que essas? A mensagem dizia quantos homens traz na comitiva?

— Penso que cem cavaleiros, pelo menos, com todos os seus servidores, e vez e meia esse número de cavaleiros livres. Cersei e as crianças viajam com eles.

— Robert virá em passo moderado por causa delas — disse Ned. — Ainda bem. Tere-mos mais tempo para nos preparar.

— Os irmãos da rainha também vêm na comitiva — completou ela.

Ao ouvir aquilo, Ned fez uma careta. Catelyn sabia que pouca simpatia havia entre ele e a família da rainha. Os Lannister de Rochedo Casterly aderiram tardeamente à causa de Robert, quando a vitória era praticamente certa, e ele nunca os perdoara por isso.

— Bem, se o preço a pagar pela companhia de Robert é uma infestação de Lannister, que seja. Parece que Robert traz metade da corte.

— Aonde o rei vai, o reino segue — comentou Catelyn.

— Será bom ver as crianças. O mais novo ainda mamava no peito da Lannister da última vez que o vi. Agora deve ter o quê? Cinco anos?

— O príncipe Tommen tem sete anos. A mesma idade de Bran. Por favor, Ned, controle a língua. Lannister é nossa rainha, e dizem que seu orgulho cresce a cada ano.

Ned apertou-lhe a mão.

— Terá de haver um banquete, bem organizado, com cantores, e Robert vai querer caçar. Enviarei Jory para o Sul com uma guarda de honra ao seu encontro, a fim de escoltá-los no caminho até aqui pela estrada do rei. Deuses, como iremos alimentar a todos? Já estão a caminho, você disse? Maldito seja o homem. Maldito seja o seu régio couro.

# DAENERYS

O IRMÃO ERGUEU O VESTIDO PARA QUE ELA O INSPECIONASSE.

— Isto é uma beleza! Toque-o. Vamos. Acaricie o tecido.

Dany o tocou. O tecido era tão macio que parecia lhe correr pelos dedos como água. Não conseguia se lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-se. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. Seu irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta de seus olhos. E você também terá ouro e joias de todos os tipos. Illyrio prometeu. Esta noite deve se parecer uma princesa.

*Uma princesa*, pensou Dany. Já se esquecera de como era aquilo. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Por que ele nos dá tanto? — perguntou ela. — O que quer de nós? — Há quase meio ano viviam na casa do magíster, comiam de sua comida, eram paparicados por seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vinham sem preço ali, na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — respondeu Viserys. Era um jovem magro, com mãos nervosas e um ar febril nos olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerá os amigos quando subir ao trono.

Dany não disse nada. Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo além delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas e ouvia essas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão enquanto ele tecia suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo terrível. Ele a chamava “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio enviará as escravas para lhe darem banho. Assegure-se de se livrar do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montaria. — Ele a estudou criticamente. — Ainda tem as costas tortas. Endireite-se. — Pôs as mãos nos ombros da irmã e puxou-os para trás. — Deixe que vejam que agora tem a forma de uma mulher. — Os dedos do irmão roçaram levemente seus seios em botão e apertaram um mamilo. — Não me falhará esta noite. Senão, será ruim para você. Não quer acordar o dragão, quer? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosso da túnica. — Quer? — repetiu ele.

— Não — respondeu Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe os cabelos, quase com afeição. — Quando escreverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que ela começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até a janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As quadradas torres de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Ela conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos cantando, enquanto acendiam as fogueiras noturnas, os gritos de crianças esfarrapadas que brincavam fora dos muros da propriedade.

Por um momento desejou poder estar com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, sem banquete para ir na mansão de Khal Drogo.

Em algum lugar além do pôr do sol, do outro lado do mar estreito, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre montanhas azul-acinzentadas magníficas e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes de seus senhores. Os dothraki chamavam essa terra de *Rhaesh Andalhi*, a terra dos ândalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse o número de vezes suficiente, os deuses certamente ouviriam. *É nosso direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, ab, não. O dragão se lembra.*

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, esse domínio para além do mar estreito. Os lugares de que ele falava, Rochedo Casterly e o Ninho da Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys era um garoto de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passava de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga no meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar cintilando nas velas negras do navio. Seu irmão, Rhaegar, combatendo o Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e morrendo pela mulher que amava. O saque de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os lordes Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne suplicando misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante seus olhos. Os crâneos polidos dos últimos dragões a olhar sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abria a garganta de seu pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão nove luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade tinha sido terrível. A frota Targaryen fora esmagada enquanto estava ancorada, e enormes blocos de pedra foram arrancados dos parapeitos e desabaram sobre as águas encapeladas do mar estreito. A mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse fato Viserys nunca a perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, logo antes de o irmão do Usurpador zarpar com sua nova frota. A essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, restava apenas Pedra do Dragão, a antiga sede de sua casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para vendê-los ao Usurpador, mas, uma noite, sor Willem Darry e quatro homens leais invadiram o quarto das crianças, raptaram a elas e a sua ama de leite, e zarparam sob a escuridão da noite em busca da segurança da costa braavosiana.

Lembrava-se vagamente de sor Willem, um homem que mais parecia um grande ursinho-cinzento, meio cego, a rugir e berrar ordens de seu leito de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por causa dele, que sempre fora bondoso para Dany. Chamava-a de “princesinha” e, por vezes, “senhora”, e suas mãos eram macias como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença impregnava-o dia e noite, com um odor quente, úmido, de uma doença doentia. Nessa época viviam em Braavos, na grande casa de porta vermelha. Dany tinha seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em

pouco tempo os irmãos foram postos para fora da casa. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara às suas costas para sempre.

Desde então, tinham andado de um lado para outro, de Braavos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador viriam atrás deles, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham ficado felizes por dar as boas-vindas às suas casas e mesas aos últimos Targaryen, mas, à medida que os anos foram passando e o Usurpador continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram se fechando e suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, viram-se forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos chamavam o irmão de Rei Pedinte. Dany não queria saber do que a chamavam.

“Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã”, prometia-lhe Viserys. Às vezes, as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. “As joias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo que nos roubaram, teremos tudo de volta.” Ele vivia para esse dia. Tudo que Daenerys queria de volta era a grande casa de porta vermelha, com o limoeiro em frente à janela de seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com reverências e começaram a tratar de suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a moça compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezesseis anos, cabelos claros e olhos azuis, que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram a banheira com água quente trazida da cozinha e a perfumaram com óleos odoríferos. A moça puxou a túnica de algodão grosso pela cabeça de Dany e a ajudou a entrar na banheira. A água escaldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a se sentir limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente demais para um Targaryen. “A nossa é a casa do dragão”, dizia. “O fogo está em nosso sangue.”

A mulher mais velha lavou seus longos cabelos esbranquiçados e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A moça esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogos é tão rico que até seus escravos usam colares de ouro. Seu khalasar tem cem mil cavaleiros, e seu palácio em Vaes Dothrak, duzentos quartos e portas de prata sólida.

E houve mais do mesmo gênero, muito mais; como o khal era um homem bonito, alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que já montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre dera como certo que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham se casado entre si, desde que Aegon, o Conquistador, tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais do campo, e os Targaryen não misturavam seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Viserys conspirava para vendê-la a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas a ajudaram a sair da água e a secaram com toalhas.

A moça escovou os cabelos dela até fazê-los brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios e, por fim, um refrescante, lá embaixo, entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta de seus olhos. A moça enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara na cabeça e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas em seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora, sim, se parece com uma princesa — disse a moça, sem fôlego, quando terminaram.

Dany olhou de relance para sua imagem no espelho prateado que Illyrio tão previdentemente lhe fornecera. *Uma princesa*, pensou, mas lembrou-se do que a moça dissera, de como khal Drogo era tão rico que até seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepião lhe percorrer os braços nus.

O irmão a esperava na frescura do átrio, sentado à beira da fonte, arrastando a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Venha aqui — disse. — Vire-se. Sim. Ótimo. Você tem um ar...

— Real — disse magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia-se com uma delicadeza surpreendente para um homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, nuvens de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os seus dedos, e seu criado lhe oleara a barba amarela bifurcada até que brilhasse como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz a banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — exclamou, dirigindo-se a Viserys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra demais — disse Viserys. Seus cabelos, do mesmo tom loiro-prateado dos dela, tinham sido puxados para trás e bem atados com uma presilha de osso de dragão. Era um visual severo, que dava ênfase às linhas duras e esguias de seu rosto. Pousou a mão no punho da espada que Illyrio lhe emprestara e disse: — Tem certeza de que khal Drogo gosta de suas mulheres assim tão novas?

— Ela já sangrou. Tem idade suficiente para o khal — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que dizia aquilo. — Olhe para ela. Esses cabelos loiro-prateados, esses olhos púrpuros... ela é do sangue da antiga Valíria, sem dúvida, sem dúvida... e bem-nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate nosso Drogo. — Quando Illyrio soltou sua mão, Daenerys percebeu que estava tremendo.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os bárbaros têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a khal Drogo — disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilases de Viserys.

— Toma-me por tolo?

O magíster fez uma ligeira reverência.

— Tomo-o por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens comuns. Minhas sinceras desculpas se o ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram na elaboradamente esculpida liteira de Illyrio. Dois criados iam à frente para iluminar o caminho, transportan-

do ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um azul-claro, e uma dúzia de homens fortes conduziam a liteira aos ombros. O espaço lá dentro, atrás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob seus pesados perfumes.

O irmão, esparramado em almofadas a seu lado, nada notava. Sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu khalasar — disse Viserys. Os dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada de verdade. — Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O reino se erguerá em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E o povo estará conosco. Elas choram por seu rei. — Ele olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o seu povo, e o amam bastante — disse amavelmente magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes secretos à sua saúde, enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e os escondem até o dia de seu regresso do outro lado das águas. — Ele encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém estaria fazendo ou pensando do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito a ele. O irmão, contudo, gesticulava com ardor.

— Matarei eu mesmo o Usurpador — prometeu ele, que nunca matara ninguém —, tal como ele matou meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez a meu pai.

— Isso será muito adequado — disse magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava lutando de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros cobrindo os muros altos de tijolo. Tinha sido oferecida ao khal pelos magistérios de Pentos, Illyrio lhes disse. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

— Não que temamos esses bárbaros — explicara Illyrio com um sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender nossas muralhas contra um milhão de dothrakis, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos... Mas para que correr riscos, quando a amizade deles sai tão barata?

A liteira em que seguiam foi parada no portão e as cortinas, puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pelos e usava o capacete guarnecido de pontas agudas dos Imaculados. Avaliou-os friamente. Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e, com um gesto, lhes deu passagem através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho da espada emprestada. Parecia quase tão assustado quanto ela se sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto a liteira subia aos solavancos até a mansão.

As palavras de magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão presentes no banquete muitos homens importantes. Homens assim têm inimigos. O khal deve proteger seus convidados, e Vossa Graça acima de todos. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem por sua cabeça.

— Ah, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, asseguro-lhe. Seus traidores contratados nos seguem para todo lado. Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

A liteira desacelerou e parou. As cortinas foram puxadas e um escravo ofereceu a mão para ajudar Daenerys a sair. Seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão a seguiu, com uma das mãos ainda fortemente cerrada no punho da espada. Foram necessários dois homens fortes para pôr magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz-de-fogo, limão-doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valíria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco anunciou a chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou em uma voz doce e aguda —, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protetor do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, Princesa de Pedra do Dragão. Seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram em um pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de pele vermelho-acastanhada, com os bigodes compridos presos por anéis de metal e os cabelos negros oleados, trançados e atados a campainhas. Mas, entre eles, moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou para todos maravilhada... e comprehendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo — ele mostrou. — Junto ao pilar está khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do arconde de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio sorriu sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio alto septão.

— Que faz ele aqui? — perguntou ela.

— O Usurpador mandou matá-lo — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontazinha qualquer. Vendeu alguns caçadores ilegais a um comerciante de escravos de Tyrosh em vez de entregar-lhos à Patrulha da Noite. Uma lei absurda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entender com seus bens.

— Quero falar com sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys.

Dany deu por si olhando com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e quase calvo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava lã e couro. Sua túnica era verde-escura, bordada com a imagem de um urso-negro sobre duas patas.